

Baker esfria as expectativas dos países devedores

WASHINGTON (do correspondente) — A crise da dívida externa na América Latina vem, de fato, sendo estudada por vários técnicos da equipe do Presidente eleito George Bush. Tudo indica, no entanto, que a estratégia do novo governo para o problema ficará aquém das expectativas dos devedores. O ex-Secretário do Tesouro e futuro Secretário de Estado, James Baker III, deu várias indicações disso ao depor perante a Comissão de Relações Exteriores do Senado, ontem, na primeira audiência para a sua aprovação para o cargo. Baker afirmou que já houve algum progresso no sentido de se mudar a política americana com relação ao problema, mas ao mesmo tempo disse que isso não significa uma reviravolta total.

— George Bush quer uma ampla revisão do assunto. Eu acredito que há mais espaço para mecanismos financeiros mais criativos para a redução do estoque da dívida — disse

Baker. — Mas acho também que o assunto não pode ser resolvido às custas dos contribuintes.

Um de seus assessores disse ao GLOBO, ontem, que sua idéia é ampliar o chamado menu de opções, e renovar o impulso do "Plano Baker", criado em outubro de 1985, com poucos resultados práticos até o momento. O próprio Baker disse no Senado que ficara desapontado pelo fato dos bancos comerciais não terem concedido aos devedores, nos últimos anos — conforme o Plano previa — o capital suficiente para que retomassem seu crescimento. Só que, ao mesmo tempo, ele afirmou que continua pensando da mesma maneira: a solução só poderá ser encontrada de maneira voluntária, durante as negociações. E o enfoque terá de ser caso-a-caso.

— Não estou persuadido que o problema principal de alguns países seja o fato deles terem uma dívida exter-

na grande, pois alguns deles, que simplesmente pararam de pagar, vieram suas economias piorar. Elas não melhoraram: ao contrário, pioraram consideravelmente, porque de fato se isolaram do acesso aos fluxos de capital — comentou James Baker III.

Ele pediu aos senadores que não apoiem a idéia, bastante discutida no Congresso, nos últimos tempos, de se apoiar a criação de um organismo internacional para comprar os títulos da dívida do Terceiro Mundo. Além disso, solicitou que não apoiem a aprovação de nenhuma lei que estipule um índice de perdão da dívida.

— Acho que eu pessoalmente teria um problema, e estou certo que os senhores também, se fosse sugerida uma solução que obrigasse os bancos comerciais a sofrerem uma porcentagem qualquer de perdas. Isso me parece contrário ao sistema que prevalece nos Estados Unidos.